



O barulho dos diamantes na juventude do século XXI

Thasio Fernandes Sobral¹

Resumo

Buscou-se neste artigo traçar um retrato da juventude do século XXI através da análise do filme *The Bling Ring – A Gangue de Hollywood* (*The Bling Ring*, Sofia Coppola, 2013). Para tanto, foram utilizados textos teóricos que fossem capazes de nos trazer uma reflexão mais aprofundada sobre os fenômenos sociais que acontecem no filme. Ademais, entender sob quais condições adolescentes sentem-se sistematicamente coagidos a subverter as regras da lei em busca de realização pessoal.

Palavras-chave: Cinema; Contemporaneidade; Juventude.

Abstract

This article attempts to draw a picture of the XXI century youth through the analysis of the film *The Bling Ring* (Sofia Coppola, 2013). Therefore, theoretical texts were used in order to bring us a deeper reflection on social phenomena that happen in the film. Moreover, to understand under what conditions adolescents feel systematically coerced to subvert the law in search of personal fulfillment.

Keywords: Cinema; Contemporaneity; Youth

Um filme para uma boa história

A utilização de fontes históricas que não eram documentos oficiais do Estado, surgiu com a apresentação de novas ideias levantadas pelo movimento dos *Annales*, que ao longo do século XX alterou as concepções teórico-metodológicas utilizadas no ofício do historiador. Dessa forma, abrangeu o conceito de fontes históricas, permitindo ao historiador traçar novas formas de compreender as ações do homem no tempo.

Neste sentido, a utilização do cinema para análise histórica só foi possível pela abertura dada pelo movimento dos *Annales*. A discussão de metodologias sobre utilização de filmes para discussão histórica é relativamente recente, algo entre o final da década de 1960 e início de 1970. O homem que difundiu a relação cinema-história foi Marc Ferro, historiador da terceira geração da Escola dos *Annales*, que

¹ Graduando do curso de História pela Universidade Estadual de Santa Cruz e bolsista de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).



cultivou pioneirismo por traçar um sistema de crítica para fontes cinematográficas. Entretanto, para discussão oferecida nesta produção, traremos novas abordagens do que aquelas propostas por Ferro. Expandiremos a ideia-padrão objetivista sobre os filmes, escapando de enxergar o filme como “testemunho” indireto da realidade, trazendo uma abordagem mais subjetiva de análise da fonte.

Trabalhar com filmes sob uma perspectiva histórica exige um cuidado peculiar quanto ao método, como comenta Marcos Napolitano, no capítulo “*A História depois do papel*”, do livro *Fontes Históricas*, organizado por Carla Pinsky. A análise de uma obra cinematográfica perpassa pela compreensão que esta fonte está no intermediário entre uma visão objetivista (registro direto da realidade) e subjetivista (obra ficcional), e portanto, apresenta realidade em si projetada na relação espectador-filme. O autor comenta o papel dos filmes na construção de memórias sociais, e portanto, ao avaliar as obras é necessário diluir as diversas formas de linguagem, perpassando por uma análise técnica de diálogos, figurinos, enquadramentos e planos, método que será amplamente utilizado nesta produção.

Ainda que se reconheça a objetividade da obra em registrar diretamente a realidade, faz-se necessário compreender aquilo que no filme pode ser subjetivo, avaliando suas adaptações e omissões. Analisar filmes na História constitui em desconstruir concepções metodológicas que supervalorizam a análise discursiva (diálogos e textos), e ignora as demais formas de linguagem apresentadas nos filmes, como a produção, sequência de imagens e até a construção dos personagens. Significa entender a obra cinematográfica como o retrato de uma realidade, não necessariamente fiel ao plano material.

O “cinema é manipulação” (NAPOLITANO, 2008, p. 247). Faz-se necessária uma crítica sistemática de elementos técnico-estéticos (autoria, datação, coerência e suas condições de elaboração) e os representativos (seu conteúdo). A desconstrução da ideia-padrão, onde filmes são representações objetivas da realidade é uma necessidade, e portanto, deve-se observar o conjunto de linguagens que compõe o universo do filme.

O historiador Marcos Napolitano aponta: “O enquadramento de uma cena, a edição de um filme, a cor/textura empregada na captação da imagem, são fundamentais para que o filme ganhe sentido cultural, estético, ideológico e consequentemente, sócio-histórico” (NAPOLITANO, 2008, p. 267). O equilíbrio correto entre a análise discursiva e dos demais elementos técnico-estéticos é ponto crucial para que a discussão histórica do filme não seja esvaziada e para tanto é o que poderá ser observado neste artigo.



O filme *The Bling Ring* – Gangue de Hollywood (*The Bling Ring*, Sofia Coppola, 2013), utilizado para análise neste artigo é baseado em uma história real. Na trama, jovens do subúrbio americano roubam casas de famosos, a fim de adquirir seus itens de alto valor material e simbólico. A trama se desenvolve em torno de cinco jovens de origem econômica e familiar estável. A “Bling Ring”, como a gangue ficou conhecida na imprensa pelos crimes que fez, roubou algo equivalente a 3 milhões de dólares, entre dinheiro e produtos de alto valor aquisitivo. Apesar das subtramas serem bem divididas entre os personagens, algumas recebem atenção especial da diretora, como a relação de amizade entre Marc Hall – vivido por Israel Broussard – e Rebecca Ahn – desempenhada por Katie Chang; e Nicki, personagem da Emma Watson. Portanto, a discussão se aterá principalmente a estes três personagens.

A expressão “barulho dos diamantes” deriva-se de uma associação aos crimes praticados por estes jovens, que tinha como característica o roubo de produtos com alto valor aquisitivo; decorre de uma tentativa de representar estes jovens correndo das casas assaltadas com sacos e bolsas cheio de joias gerando atrito e barulho característicos. “Barulho dos diamantes” sintetiza esta prática, entendida neste artigo como resultado do sistema social em que estes jovens estão inseridos.

O termo toma centralidade na discussão deste artigo, pela investigação da relação que os jovens podem desenvolver com produtos de alto valor material e simbólico, buscando compreender as implicações sociais que a aquisição destes bens pode ter entre a juventude. Busca-se a compreensão dos fatores legitimatórios de tais crimes e revelar algumas das contradições sociais reproduzidas pela sociedade tomando como recorte principal a juventude, utilizando o filme como dispositivo para discussão.

No mundo de Sofia

A escolha da diretora Sofia Coppola para discussão promovida por este artigo, se deu não somente por esta ser um dos grandes nomes do cinema na atualidade, mas por seu trabalho bastante singular ao observar peculiaridades do mundo atual. Sua visão traz à tona problemas intrinsecamente ligados ao mundo contemporâneo. Mesmo quando suas tramas se desenvolvem em décadas ou até séculos anteriores, a diretora sempre converge com problemas que persistem na atualidade.

Sofia Coppola, nasceu na Nova York de 1971. A família da diretora tem tradição cinematográfica, ela é a filha do grande diretor de cinema Francis Ford



Coppola; sua primeira aparição nas telonas em *O Poderoso Chefão* (*The Godfather*, Francis Ford Coppola, 1972). Desde pequena acompanhou de perto a rotina de Hollywood, o que é possível deduzir pelo número de filmes que ela participou ao longo da sua infância até parte da juventude. Sofia conviveu com famosos, vivenciando os sets de filmagens, e provavelmente, festivais de cinema, o que pode ter possibilitado o desenvolvimento da sensibilidade para algumas questões que a diretora apresenta em suas obras de cinema.

Sofia tenta transmitir ao longo de seu trabalho o mundo extremamente violento em que vivemos, demonstrando sua violência em questões sutis e simbólicas, mas que são tão agressivas quanto violência física. Dentro dos temas abordados, a diretora parece compreender que parte afetada da sociedade por essa violência seja a juventude. Sendo assim, os filmes da Coppola sempre tratam, de alguma maneira, assuntos relacionados aos jovens. E pela honestidade da diretora em falar abertamente sobre este setor, é possível imaginar sua relevância para a discussão proposta por este artigo.

O primeiro filme da diretora foi lançado em 1999. *As Virgens Suicidas* (*The Virgin Suicides*, Sofia Coppola, 1999) retrata a vida de cinco irmãs que sofriam com as limitações morais, religiosas e sexuais impostas pela mãe, interpretada intensamente por Kathleen Turner. O filme se passa da década de 70 e à medida que as meninas ultrapassavam os severos limites impostos pela mãe, mais esta cerceava a liberdade das filhas. Em um dado momento, as impede de ir à escola, desdobrando o filme de maneira cada vez mais trágica. Nesse filme, Coppola demonstra o quanto impositivo a relação familiar pode implicar de maneira negativa no desenvolvimento da vida das pessoas. Fator catalisador desta relação de poder é legitimado por um discurso religioso, que cerceia a liberdade de pensamento de quem não quer seguir os rumos daquela ideologia.

Já em 2003, o aclamado *Encontros e Desencontros* (*Lost in Translation*, Sofia Coppola, 2006), se passa em uma das cidades mais cosmopolitas e movimentadas do mundo, Tóquio (Japão). O filme se desenvolve a partir do surgimento de uma amizade inesperada entre os personagens de Bill Murray (um homem mais velho) e Scarlett Johanson (uma jovem mulher). Ambos personagens possuem profundas questões existenciais e apresentam sinais de solidão. A escolha da cidade não poderia ser mais propícia. Afinal, em um mundo globalizado e com tanta coisa acontecendo, porque se sentir só? O filme e a diretora nos são generosos em buscar essa reflexão.

Até quando Coppola explorou momentos históricos em seus filmes, nos traz elementos que remetem à contemporaneidade, como em *Maria Antonieta* (*Marie*



Antoinette, Sofia Coppola, 2006). O filme narra a história Maria Antonieta – futura rainha da França – desde antes do casamento, até o período pré-revolucionário. Os elementos contemporâneos estão em todo o filme, seja através da trilha sonora, com bandas de rock alternativo, até mesmo em uma das cenas mais icônicas no filme quando a diretora introduz um tênis *All Star* em meio aos sapatos da rainha do século XVIII.

Coppola simbolicamente afirmava que Maria Antonieta, a rainha da França, ainda era uma adolescente tendo que conviver com os inúmeros ritos cotidianos do Antigo Regime francês. Quando se pensa no reflexo dessa abordagem na nossa sociedade contemporânea, percebe-se que muitos dos nossos jovens tem que lidar com as pressões da nossa sociedade para corresponder expectativas normatizadoras. O problema está quando grande parte dessa juventude não consegue se inserir nessa lógica, o que nos obriga a pensar em como a cena do filme se reverbera na atual realidade da nossa sociedade, expondo protocolos similares.

Mais tarde no filme *Em Um Lugar Qualquer* (*Somewhere*, Sofia Coppola, de 2010), a diretora explora a relação entre um pai ator famoso – interpretado por Stephen Dorff – e sua filha – vivida por Elle Fanning. O ator apesar de famoso, vive uma crise existencial conseguindo recuperar laços emocionais consigo mesmo apenas na presença da filha, que começa a conviver com ele, devido a uma questão inesperada. O filme faz uma ironia ao mundo das grandes estrelas contemporâneas, que apesar de fama e dinheiro, acabam tendo suas vidas limitadas e entediadas. A diretora faz uma reflexão sobre a sociedade do consumo, que nem sempre consegue suprir as demandas emocionais das pessoas, ainda que estas tenham fama e dinheiro, levantando um tema bastante atual.

Na presente década, o último filme dirigido pela diretora foi lançado em 2013, e é o objeto de discussão deste artigo. *The Bling Ring – Gangue de Hollywood* (*The Bling Ring*, Sofia Coppola, 2013) marca a filmografia de Sofia Coppola, porque ela traz elementos que nunca foram tão claramente direcionados à geração de jovens do século XXI. Como comentado, o filme retrata o caso real de adolescentes do subúrbio americano, que resolvem invadir e furtar a casa de celebridades de Hollywood. O caso verídico causou a prisão dos envolvidos.

Gangsters de grife

The Bling Ring – Gangue de Hollywood (*The Bling Ring*, Sofia Coppola, 2013) é baseado numa história real. Na trama, jovens do subúrbio americano roubam casas de famosos, a fim de adquirir seus itens de alto valor material e



simbólico. O filme foi rodado em Calababasa, Califórnia, nos Estados Unidos e conta com a participação especial de algumas celebridades, como Paris Hilton e a atriz, Kirsten Dunst. As duas entraram pra lista de personalidades que foram roubadas pela “Bling Ring”, como a gangue ficou conhecida na imprensa pelos roubos que fez. Um fato curioso sobre a produção são as cenas rodadas na casa da própria Paris Hilton, que teve seu imóvel frequentemente invadido pelos jovens.

A trama se desenvolve em torno de cinco jovens: as irmãs Nicole e Sam Moore, atuadas por Emma Watson e Taissa Farmiga, respectivamente; Marc Hall, vivido por Israel Broussard; Rebecca Ahn, desempenhada por Katie Chang; e Chloe Tainer, interpretada por Clarie Julien. Todos os personagens são brancos – exceto Rebecca que tem descendência sino-americana – e de origem tanto econômica, como familiar estável. Os atores possuem apelo jovem, o que facilita a identificação do público-alvo, apesar de alguns nunca participaram como personagens principais de um filme, como é o caso de Chang e Chloe.

Apesar das subtramas serem bem divididas entre os personagens, algumas recebem atenção especial da diretora, como a relação de amizade entre Rebecca e Marc; e a personagem de Emma Watson, que rouba a cena em vários momentos do filme, devido a sua personalidade dissimulada e egocêntrica. Não que os outros personagens não carregassem consigo estas características, mas Nicki – como é chamada a maior parte do filme – as expõe ao público de maneira mais clara. Portanto, a discussão se aterá principalmente a estes três personagens.

A montagem do filme é intercalada entre narrativas não necessariamente lineares. A diretora apostou nos recortes não-lineares, a fim de costurá-los ao longo da trama e possibilitar ao espectador acompanhar o desenvolvimento do enredo como se este estivesse sendo apresentado com base nas memórias de seus personagens. O personagem Marc tem papel fundamental neste sentido, pois é ele que apresenta conscientemente ao público o desenvolvimento da história à medida que é entrevistado para uma revista que está cobrindo a história após ela ter ganhado visibilidade na mídia.

Vale ressaltar, que foi um artigo escrito pela jornalista Nancy Jo Sales, publicado na revista *Vanity Fair*, e mais tarde no livro da própria jornalista que serviu de base para elaboração do roteiro do filme. Embora haja uma jornalista da *Vanity Fair* entrevistando os jovens presos, o filme não faz menção a mesma jornalista que baseou a construção do roteiro.

Nos primeiros minutos do filme, Coppola intercala entre cenas de um dos crimes; a prisão dos envolvidos; a exibição crua dos itens roubados, com uma larga variedade de produtos de alta-costura ou marcas de grife (como bolsas, relógios,



joias, sapatos e roupas); e a apresentação dos personagens com base em seus perfis nas redes sociais, um dos pontos fundamentais para solução do crime no filme.

A personagem Nicole aparece em seguida se justificando para os jornalistas, que o seu envolvimento nos crimes faz parte de uma lição para que ela cresça enquanto indivíduo. Nicole demonstra ao longo do filme uma capacidade singular em manipular as escolhas de seus atos, utilizando a religião como válvula de escape. A relação da personagem com a religião não é sincera, ela utiliza a filosofia de vida pregada por sua mãe, como artifício para repaginar sua imagem diante da mídia. Sua mãe, devotamente ligada à filosofia de vida “O Segredo” tenta expor as filhas conceitos religiosos, como bondade e honestidade. Apesar da boa vontade da mãe, interpretada por Leslie Mann, ela falha em transmitir tais conceitos, e peca em não definir limites reais à vida das meninas.

Já o Marc é um garoto que possui problemas de autoestima, e enfrenta *bullying* de seus colegas de escola por sua orientação sexual. Embora a diretora opte por não explorar aprofundadamente este problema, Coppola tem a sensibilidade em expor que esta questão também perpassa pela construção identitária do jovem. Marc é homossexual, e apesar disso não é retratado pela diretora de maneira estereotipada e/ou exageradamente afeminada. Marc vive com os pais e a avó, e tinha enfrentado problemas com a escola, ficando afastado por um ano e retorna as atividades escolares em uma nova escola, onde conhece Rebecca.

Rebecca Ahn vive com a mãe, que está sempre viajando a trabalho, enquanto o pai mora em Las Vegas. Seus pais são divorciados, e assim como Marc, a personagem enfrentou problemas com a escola por portar substâncias indevidas na escola. Rebecca é a chefe da gangue, e claramente a mais afetada por viver em uma sociedade que está sempre em busca de um estilo de vida massificado nas mídias, o que envolve fama, dinheiro e um reconhecimento social. O principal ícone de sua devoção é Lindsay Lohan, é de Rebecca que surge a ideia de invadir as casas, o que inclui a escolha de quais celebridades eram roubadas.

A amizade de Marc e Rebecca ganha uma trama própria, principalmente por Marc possuir uma dependência emocional de Rebecca. Ele está sempre em busca da aceitação dela, e portanto, se torna seu principal companheiro de crime. Ambos começam a fazer os furtos sozinhos, incluindo posteriormente os outros três integrantes da gangue. Marc, ao longo do filme, demonstra ser o contraponto às vontades de Rebecca, que não possui limitações. Uma cena expõe a falta de limites de Rebecca, quando em um dos roubos à casa de Paris Hilton, a personagem deseja



levar o cachorro de estimação de Hilton, e é o personagem Marc que não deixa. Devido a esta relação de dependência, que parte da história é contada conscientemente ao público por Marc.

A diretora escolhe colocar o único menino da gangue para narrar a história, não como uma forma de tentar defender suas ações – como faz Nicki – e sim, demonstrar a existência de uma percepção de culpa sobre suas ações. Isto também reflete a atenção de Coppola em expor como este setor da sociedade de consumo afeta principalmente as mulheres, que no filme não demonstraram verdadeiro remorso. Ao analisar a gangue, podemos perceber que a gangue era composta apenas por mulheres, exceto Marc. Jovens mulheres que desejavam adquirir produtos de alto valor financeiro e simbólico. Na realidade, por mais que Marc fosse impelido à sociedade de consumo, as mulheres que são diretamente atingidas pela indústria da moda e estética, que impõe padrões sobre seus corpos, fazendo delas um alvo principal deste sistema de consumo.

A fotografia do filme também nos apresenta uma perspectiva de narrativa. A câmera raramente aparece em um plano de ótica de algum dos personagens, é como se toda a história estivesse sendo assistida pelo espectador, e dessa forma, a diretora opta por contar a história “de fora”. Coppola por mais que dê voz a seus personagens, simbolicamente nos expõe visualmente a narrativa de maneira externa, como se acompanhássemos um *reality show*.

Os enquadramentos são próximos, o que dá a impressão que todos os passos da gangue são acompanhados de perto, trazendo mais realismo às expressões dos atores, algo necessário, já que muitos eram estreantes. Já a luminosidade é adequada de acordo com o local que está filmado. As cenas externas sempre são bastante claras, exceto durante os furtos. Vale ressaltar, que várias cenas são apresentadas pelas lentes das câmeras de segurança, dando um tom mais real aos roubos. As cenas internas são majoritariamente à meia luz, as janelas e portas costumeiramente estão fechadas, quartos dos personagens são como esconderijos. As cenas rodadas pela manhã são sempre em dias claros, em muitos momentos do filme os jovens vão à praia consumir drogas ilícitas. Todo o filme conta com uma sensível trilha sonora, com músicas urbanas e bastante contemporâneas dispostas ao longo do filme, refletindo o gosto atual da juventude.

A rotina da gangue é padronizada. Eles vão à escola, principal espaço de socialização entre eles. Exceto para Nicki e sua irmã que não estudam em uma escola convencional, sua mãe leciona para as duas em casa, onde tenta transmitir suas filosofias de vida. Após a escola eles costumam ir à praia para consumo recreativo de drogas ilícitas. Ao passo em que os roubos viram parte da rotina, após



os furtos eles vão para festas em casas noturnas, consumir mais drogas ilícitas e gastar parte do dinheiro adquirido. Às vezes a lógica se inverte, onde eles roubam primeiro, depois gastam em lojas de roupas, para mais tarde se encontrarem em festas em casas noturnas ou na residência de outros jovens. Parte da rotina era massivamente exposta na *internet* e algumas vezes os roubos eram compartilhados com conhecidos em um desses espaços de socialização.

Os jovens do grupo apresentam uma relação de desejo intrínseca com o proibido, a exposição e a autoafirmação através de uma imagem de poder e glamour que tenta a qualquer custo ser construída. Nesse sentido, o que uma sociedade cada vez mais apaixonada pela busca de experimentação, deve esperar de jovens influenciados em um mundo que se move cada vez mais rápido e sem direção? A discussão apresentada nesta produção expõe um olhar sobre a juventude contemporânea.

O barulho dos diamantes na sociedade do real, dos dólares e das grifes

Discutir sobre a complexidade do homem nunca foi tão difícil. Entender as diferentes influências que emergem de uma sociedade globalizada, interligada economicamente e culturalmente, é um trabalho árduo. Porém, essas discussões comumente observam que nosso cotidiano continua moldado pelas provocações incessantes do mundo capitalista ao consumo, e a necessidade de suprir esse desejo por experimentações incitado por essa lógica.

Com a queda dos ideais utópicos e o “aparecimento do real”, como aponta Zizek em *Bem-Vindo ao Deserto do Real!* (2003), a sociedade contemporânea do século XX passa a explorar esse “real” para construção de uma nova ordem de significados para a sociedade. O descobrimento deste plano passa dar verdadeiro sentido a vida das pessoas na sociedade contemporânea ocidental. Atados a um discurso de liberdade, e da impossibilidade dos ideais “utópicos” – como o comunismo – a sociedade deveria seguir o caminho pelo autodescobrimento e a experimentação extrema do mundo material. Caberia a esta sociedade a luta contra a angústia de se sentir inexistente, sendo estes meandros alimentados pela estrutura econômica vigente.

No “discurso da experimentação do real” esconde-se a apropriação que o capitalismo faz dessa estrutura. Para contínua alimentação da vontade de experimentar o novo, o sistema capitalista alimenta estes anseios através das relações comerciais, das ideologias presentes na televisão e nas propagandas. Principalmente, quando estas ideologias defendem um olhar sobre a sociedade contemporânea ocidental, construindo a ideia de que somos o berço da liberdade,



segurança, democracia e da tolerância. Nesse sentido, apresentam o nosso plano real como o ideal, cabendo a nós apenas usufrui-lo.

Zizek aponta em *Bem-Vindo ao Deserto do Real!* (2003), a forma que o atentado do dia 11 de setembro de 2001 impactou a sociedade norte-americana. Ele foi responsável pelo processo de humanização dos Estados Unidos, que historicamente é tido como o grande “vilão da história”, devido aos seus questionáveis posicionamentos em sua política externa. O atentado possuiu grande repercussão sendo elemento decisivo para opinião dos americanos durante as eleições presidenciais de George W. Bush, e anos mais tarde, nas eleições de Barack Obama – ainda que em contextos diferentes. Segundo Zizek, o 11 de setembro foi o ato legitimador da Guerra do Iraque, que durou 8 anos.

Porém, o mesmo atentado que “humanizou” os Estados Unidos da América – legitimando as atrocidades da Guerra – reflete outras questões sobre a sociedade “perfeita” norte-americana. Principalmente por expor a maior debilidade dessa sociedade “modelo”. Como comenta Zizek, esta sociedade com ideais libertários anseia acontecimentos como os ataques ao *World Trade Center* para apresentar ressignificações ao seu mundo real.

Sendo assim, deliberadamente utiliza-se destes fatos para esconder as disfunções desta sociedade, que tenta a qualquer custo maquiar o vazio do seu verdadeiro mundo real. Esta realidade é apropriada pelo meio de produção vigente – o capitalismo – que busca trazer novos sentidos à vida dessas pessoas, construindo novos “anseios” e experimentações, a fim de fazer com que elas continuem usufruindo desta “realidade ideal”, que em tese significa o mundo ocidental. Exemplo disso é o reposicionamento da sociedade norte-americana em relação ao islamismo. A partir do atentado, um novo inimigo público e mundial foi criado, e novas formas de enaltecimento da nossa sociedade são criadas, recolocando os padrões ocidentais como os melhores do mundo, enquanto se constrói uma nova vilania em torno do Oriente Médio.

Dessa forma, o sistema capitalista faz com que a nossa sociedade “aceite” o terrorismo, pois ele é o estímulo necessário para manutenção desta lógica. Para Zizek, o “terrorismo”, contribui para proposição novos produtos de experimentação, mas sem alterar a estrutura que a rege. Nesse sentido, ele é o caminho que esta sociedade encontra para entrar em contato com este mundo real novamente, mas sem modificá-lo verdadeiramente. A larga movimentação que a presença de eventos como o 11 de setembro causa entre as pessoas, é o caminho utilizado para continuar explorando a necessidade dessa sociedade pela experimentação, pois os valores da nossa sociedade são reafirmados como positivos.



Em um sistema incapaz de fazer autocritica e que mantém uma profunda pressão pela experimentação é inevitável que este sistema dê sinais de sua debilidade, e portanto, constrói diferentes tipos de “terrorismo”, que não são apenas aqueles como o 11 de setembro. O termo “terrorismo” se amplia, significando também, a ruptura das regras vigentes na nossa sociedade, tornando-se o Zizek chama de “busca pelo real”, que pode ser definida como a sensação de estar vivo. Podendo ser desenvolvida em grande ou pequena escala; em proporções de cunho público ou íntimo.

No filme *The Bling Ring* – Gangue de Hollywood (*The Bling Ring*, Sofia Coppola, 2013), é possível observar a obsessão dos jovens pela experimentação em vários momentos, apesar de ter feito dos roubos um hábito cotidiano, os jovens da gangue estavam mais preocupados em vivenciar, mesmo que por um período curto, a vida de riqueza que a casa das celebridades poderia oferecer. Em um dos assaltos à casa da Paris Hilton, Rebecca deita na cama, e pede para Marc tirar uma foto com um extravagante telefone em formato de boca. No assalto à casa de Lindsay Lohan, Rebecca põe o perfume da celebridade, como se estivesse atingido o ápice da experimentação. Fica claro nas cenas, que não se trata sobre ter aqueles bens, e sim, sobre sentir-se parte de um seletivo estilo de vida.

Além disso, a preocupação com câmeras de segurança ou algo do tipo era incomum, e bastante ignorada pelos membros da gangue. Outra cena importante, trata da primeira visita da gangue a casa da Paris Hilton. Em vez de coletar os itens de consumo e partir, os jovens passam boa parte do tempo usufruindo da estrutura da casa, como na cena em que a personagem Nicki dança *pole dance* enquanto o resto da gangue escolhe as peças da celebridade que mais os agradam, sem se preocupar em serem pegos. Faziam porque achavam divertido.

Isso tudo porque a aquisição destes bens faz parte da construção identitária deste grupo. A relação entre o consumo e a juventude pode ser melhor percebida nos jovens, por estes não estarem inseridos no mercado de trabalho e ainda estarem em um processo de construção de identidade. Não consome porque se pode, se consome porque é parte de um reconhecimento social. Pode-se observar no filme, que nenhum dos jovens que compõe a gangue possui qualquer atividade remunerada.

Além do mais, uma estrutura que impele os jovens assumirem determinada postura são os fatores de “tensão intergeracional” (LARA, M. R., 2008, p. 137), onde os valores morais entre diferentes gerações se chocam, obrigando os jovens buscarem novos ambientes de autorreconhecimento. Afinal, nas estruturas familiares isto é muito difícil, pois os padrões da juventude não são valorizados pela



maioria da nossa sociedade, principalmente devido a inatividade econômica deste setor.

Exemplo disto pode ser percebido com Nicki. Embora tenha uma mãe presente, a personagem não consegue se reconhecer nas filosofias pregadas por sua mãe, e devido ao seu processo de construção identitária ainda estar em desenvolvimento, Nicki se sente coagida a procurar outros ambientes como válvula de escape e autoafirmação, onde seus ideais e imagem possam ser reconhecidos. Para que tal reconhecimento seja possível, é desenvolvido um emaranhando complexo de relações com o mundo exterior, e para tanto é necessária autoafirmação social destes jovens em diferentes esferas. Lara – assim como Zizek – aponta a influência do “encantamento” (LARA, M. R., 2008, p. 134) da imagem publicitária para esta juventude, e, portanto, o consumo faz parte da construção de hierarquias sociais entre os jovens.

Dessa forma, o consumo não é um instrumento de fuga, e sim uma manifestação da busca pela edificação de uma identidade. Isso se desenvolve em novos rumos quando falamos de jovens ricos. Afinal, apesar de possuírem capacidade de consumo acima da maioria, extrapolam a norma vigente em busca de mais itens de consumo. Quando isso acontece, são apontados os sintomas do que esta sociedade de consumo impõe a esta juventude, uma situação de terrorismo, como expôs Zizek.

A relação que a juventude desenvolve com as grifes é construída coletivamente. Portanto, seu poder está para além de seu custo material, e igualmente se constitui através de um poder simbólico, que deve ser reconhecido publicamente. O consumo de grife é socialmente construído, estando para além de uma perspectiva material, sendo atravessado por uma construção conceitual. Os itens da alta-costura deixam de ser apenas elementos materiais, para serem sacralizados. Os objetos deixam de ser materiais, para serem o próprio conceito de “moda” e “sophisticação”.

Por isso, embora a escola seja um espaço de conflito normatizador, ela também é um espaço de visibilidade destes jovens diante de outros jovens, e portanto, parte do processo de socialização e reconhecimento. Não só a escola, como também as festas, que igualmente se tornam espaços para reconhecimento coletivo e legitimatório dos crimes cometidos pela Bling Ring. A aquisição destes bens, mesmo que de maneira ilícita é totalmente legitimada pelos jovens conhecidos nestes espaços, não sendo um espaço de tensão intergeracional, e, portanto, onde finalmente os valores da juventude são aceitos e valorizados.



Na gangue, as grifes são o instrumento que une a Bling Ring. O desejo pela aquisição de peças caras e sofisticadas é o que mantém o grupo unido. É imprescindível observar que quando a polícia descobre a série de crimes, o grupo se desfaz, destituindo a suposta relação de amizade que eles mantinham. Pois a constituição de valores não estava baseada em relações interpessoais, e sim em relações de consumo e no reconhecimento social que isto possa causar.

O que saiu de moda

Ao analisar as demais camadas da relação causa-efeito do comportamento destes jovens, podemos nos ater aos paradoxos expostos por Jesús Martín-Barbero em seu artigo *"A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens"*. Se por um lado possuímos uma juventude com acesso à informação e educação, sendo mais apta a transformações sociais, de outro observamos a falta de políticas públicas que insira a juventude como protagonista, seja pela falta de acesso ao trabalho, ou pela restrição de consumo material. Este limite da estrutura da nossa sociedade coíbe os jovens adotarem novas posturas muito similares à dos jovens de The Bling Ring – Gangue de Hollywood (*The Bling Ring*, Sofia Coppola, 2013).

É esta estrutura que obriga a juventude a buscar novas formas de socialização. Para tanto, se desenvolve um emaranhado de ligações identitárias construídas de maneira informal entre os membros deste setor, seja através de seu convívio, pelos itens que consomem, ou pela *internet*, exatamente como acontece com os personagens do filme.

Martín-Barbero cita Ashby para expor reguladores de conduta que podem justificar algumas posturas dos jovens. Os *primários* são os rituais morais (como a moral e a religião), os *secundários* são os modais (como a moda e comunicação de massa) e os *terciários* são numéricos (como a ciência e o dinheiro). Cada um destes reguladores atua de maneira diferente, sendo a atuação dos reguladores secundários e terciário mais fáceis, justamente por atuarem no presente e no futuro, respectivamente.

Dessa forma, a construção de valores morais para esta juventude, acaba sendo moldada por elementos *secundários*, uma vez que a atual estrutura de sociedade não privilegia os jovens, como comentado anteriormente. Os jovens são muito mais persuadidos por uma estrutura econômica e midiática – já apontada por Zizek e Rodrigues Lara – que os influencia na construção de valores, que não necessariamente estão ligados aos reguladores *primários*. Portanto, os reguladores *primários* que regulamentam a conduta – como a moral da sociedade – e suas



"tensões intergeracionais" (LARA, M. R., 2008, p. 137) dificultam a identificação da juventude com esta estrutura. O que explica a repulsa de Nicki aos ensinamentos da mãe, que representa simbolicamente no filme o regulador *primário* e *terciário*, já que sua mãe assume o papel de escola, ao dar aulas em casa às filhas, como já comentado.

Quando recortamos para o regulador *terciário*, representado através da escola, encontramos uma grande defasagem na relação ensino-aprendizagem. A escola não demonstra ser um espaço capaz de criar uma identificação real entre a juventude e o conteúdo apresentado em sala de aula, como aponta Martín-Jesus em seu artigo já citado. Como a escola é incapaz de guiar os jovens para seu futuro profissional, eles a deslocam como um regulador *secundário*, servindo como instrumento de informação sobre seus grupos de referência.

É por isso que mesmo a escola sendo um espaço normatizador, os jovens da gangue, não deixavam de ir a escola. Eles iam frequentemente a escola, utilizando roupas caras, demonstrando grande preocupação com a aparência estética. No caso da Bling Ring o espaço escolar era um mecanismo de divulgação dos crimes, e reconhecimento social, não existe uma cena do filme onde a gangue esteja na sala de aula. Além de servir como um espaço de articulação dos próximos furtos. É justamente pela baixa identificação no ambiente escolar que este não consegue cumprir adequadamente o papel de regulador pessoal, demonstrando ineficácia na criação de uma reflexão mais aprofundada sobre a sociedade vigente.

As redes sociais também são instrumentos de reafirmação. Com o advento da *internet* a juventude passou a lidar de outra maneira com a realidade, e a tecnologia surgiu como mais um elemento para construção de identidades. Os jovens utilizam a *internet* como mecanismo de construção identitária concebendo a tecnologia como elemento diferenciador das demais pessoas. A tecnologia acaba possuindo a mesma relação que a juventude tem com as grifes, entretanto, a tecnologia atua como elemento agravante na desigualdade social. Servindo em uma sociedade de consumo como um instrumento de poder simbólico.

Mundo livre S/A

Dessa forma, Sofia Coppola expõe a construção dos jovens apresentados no filme como um retrato quase fiel de uma juventude ensinada ao consumo. Trata-se, igualmente de uma sociedade com necessidade de experimentação, alimentada pelo sistema econômico, que visa o anseio da obtenção do "sentir-se vivo".

É inevitável esperar desta juventude ensinada a buscar um real sinônimo de poder, riqueza, influência e futilidade o terrorismo descrito por Zizek. Não se



poderia esperar de uma juventude – que queira sentir-se verdadeiramente viva – outra atitude se não a busca exagerada de experimentações, mesmo que o custo seja alguns anos na cadeia. Claramente não são todos os jovens que estão predispostos a invadir casas e roubar itens pessoais de celebridades. Entretanto, quantos destes não o fazem e se sentem verdadeiramente vivos? É a essa questão.

Os jovens retratados em *The Bling Ring – Gangue de Hollywood* (*The Bling Ring*, Sofia Coppola, 2013) executaram a escolha inconsciente que a sociedade nos repete cotidianamente. Em uma sociedade que afirma que para se viver de verdade é necessário ostentar objetos de luxos em redes sociais, não haveria outra escolha se não ser possuir tais itens. E quando não se apresenta uma condição financeira legal e possível, a alternativa é o rompimento com tais medidas, que neste caso se manifesta através da invasão e do furto das casas de celebridades. E o que mais patológico deste problema contemporâneo, é que estes jovens são punidos justamente por agirem exatamente como o sistema diz que eles deveriam agir. No filme, todos – exceto a irmã de Nicole, que não possuía provas que a incriminassem – foram incriminados e presos.

Esta estrutura é sintoma de uma sociedade que passa por um processo de construção de uma nova organização, mas que está nitidamente debilitada. Bauman aponta em seu livro *Modernidade Líquida* (2001), que os novos tempos trouxeram a sociedade atual a possibilidade de ressignificação de novos preceitos, mas isso não quer dizer que eles não existam. Segundo o autor, o que se busca é a destituição, ou seja, a diluição de antigas estruturas sociais, para a implementação de outras. A modernidade trouxe a flexibilidade da construção desses valores, que atualmente não são impostos ao indivíduo de maneira definitiva, mas desenvolvidos em conjunto com eles, porém ainda são correntes, mesmo que flexíveis.

A sociedade continua regida por grilhões morais, e no caso do comportamento dos jovens retratados no filme existe o contraste entre uma sociedade que impõe um julgamento ao comportamento dos jovens, mas não ao sistema. Isto impõe um processo conflituoso cujo estamos inseridos, como aponta Bauman. Além do mais, a punição dos jovens e a inexistência de questionamentos sobre a motivação destes revela o quanto a ideologia que explora tais experimentações está naturalizada pela sociedade contemporânea. Principalmente, porque é desta ideologia que o sistema se mantém, alimentando os indivíduos dessa sociedade na busca frenética por mais.

Compreender a estrutura da sociedade que existe não nos torna imune das influências desse suposto mundo real, onde tudo se é oferecido para vivenciar. A discussão aqui apresentada busca não agregar juízo de valor definitivo ao



comportamento dos jovens. Assim como a obra cinematográfica *The Bling Ring* – Gangue de Hollywood (*The Bling Ring*, Sofia Coppola, 2013) evitou, este artigo também não o evitará, por entender que tais atitudes são reflexos de uma estrutura de sociedade.

É preciso entender que tais comportamentos são reflexos de uma estrutura falida de sociedade, que não consegue compreender e mediar a consequência da reprodução contínua de seus próprios discursos ideológicos. A influência das redes sociais; a enorme oferta de produtos; a massiva produção de publicidade infantil são discussões quase inexistentes dentro das conversas cotidianas na sociedade contemporânea, o que detona a total alienação a este sistema. Ainda que nossa sociedade permita a reflexão sobre as escolhas que nos é imposta e a construção de novos valores morais, demonstramos dificuldade em romper com este sistema, que expõe claros sinais de debilidade. A juventude é o seu reflexo.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Zahar, 2001.
- LARA, Marcos Rodrigues de. Jovens urbanos e o consumo das grifes. In: FREIRE FILHO, João; BORELLI, Silvia H. S. (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: Educ/pucsp, 2008. p. 133-150.
- LOST in Translation. Direção de Sofia Coppola. [s.i]: American Zoetrope, 2003. Color
- MARIE Antoinette. Direção de Sofia Coppola. [s.i]: American Zoetrope, 2006. Color.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: socialibilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: FREIRE FILHO, João; BORELLI, Silvia H. S. (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: Educ/pucsp, 2008. p. 9-32.
- NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235-289.
- SOMEWHERE. Direção de Sofia Coppola. [s.i]: American Zoetrope, 2010. Color.
- THE Bling Ring. Direção de Sofia Coppola. [s.i]: A24, 2013
- THE VIRGIN Suicides. Direção de Sofia Coppola. [s.i]: American Zoetrope, 1999. Color
- UOL. **Conheça os criminosos adolescentes por trás do filme "Bling Ring"**. 2013. Disponível em: <<http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2013/08/16/conheca-os-criminosos-adolescentes-por-tras-do-filme-bling-ring.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2015.
- ŠIŽEK, Slavoj. **Bem-Vindo Ao Deserto Do Real!** São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.